



Lei Ambiental Brasileira, um bicho de sete cabeças e muitos tentáculos

A insegurança jurídica tem sido um dos termos mais usados no Brasil nos últimos, e reflete o sentimento que se espalha no campo. Tanto pequenos, médios, quanto grandes produtores têm trabalhado sem saber o que acontecerá no dia de amanhã. Que nova portaria, decreto, resolução, memorando, ou qualquer decisão, que ganhe força de lei, vai se juntar às mais de 16 mil existentes, para complicar ainda mais seu trabalho.

Segundo a advogada Samanta Pineda, especializada em Direito Ambiental, os produtores estão acuados pela demonstração de força dos órgãos ambientais, seus fiscais e até pelo Ministério Público (MP). Para ela esta é a anti-política ambiental que faz com que o medo tome conta do campo, já que é impossível cumprir esta extensa gama de normatizações, que muitas vezes se contradizem ou se sobrepõem.

Convidada pela ABAG/RP, a advogada Samanta Pineda esteve em Ribeirão Preto para falar sobre o tema. Para ela o medo só acaba quando as obrigações e os benefícios são conhecidos. A legislação impõe muitos deveres, mas também garante direitos. O problema é que a maioria deles é desconhecida. “Se para os advogados é difícil dominar todas as nuances das leis ambientais, imagine para



Samanta Pineda

o produtor. Por isto é importante estar ligado a associações, sindicatos e cooperativas que podem esclarecer o que fazer em prol de suas atividades”, completa.

Outra grande saída seria uma atitude mais colaborativa, mais amigável por parte dos órgãos ambientais e do Ministério Público. Eles deveriam cumprir o seu papel de Estado: orientar e estar presente não só na hora de punir. Mas isto não tem sido a prática. Segundo a advogada, a figura da advertência desapareceu com o Decreto 6514, de 2008, que limitou a aplicação da mesma para até R\$ 1.000,00. Como as infrações têm sido punidas sempre com valores muito maiores, a advertência foi extinta, concluiu Samanta.

Os fiscais, que muitas vezes não têm capacitação técnica para aquela função, e não conhecem as especificações de muitos empreendimentos, quase sempre

encontram “algo errado”. Normalmente, contou a advogada, as autuações administrativas começam pelo artigo 70 da Lei de Crimes Ambientais: “Considera-se infração administrativa ambiental toda ação ou omissão que viole as regras jurídicas de uso, gozo, promoção, proteção e recomposição do meio ambiente. Portanto tudo” disse ela.

A criminalização dos produtores começa na lavratura do auto administrativo, que por força de lei é enviado ao MP para que se transforme em inquérito policial ou termo circunstanciado.

Por isto é preciso vencer a insegurança, conhecer os direitos e buscar o judiciário até a última instância. É preciso contar com a justiça como uma aliada que tem tentado devolver o equilíbrio das relações entre o produtor, os órgãos ambientais e o próprio Ministério Público.

Segundo a Constituição Brasileira a lei tem que ser acessível para que o cidadão assimile o que deve e o que não deve ser feito. A Lei Ambiental pode ser tudo, menos acessível, por isto a advogada autorizou a divulgação dos slides de sua palestra. É uma tentativa de orientar quem enfrenta esse “bicho de sete cabeças e muitos tentáculos”. A sequência de slides está no site da ABAG/RP: www.abagr.org.br

Programa Educacional “ Alunos de escolas públicas d



Uma redação pode revelar o que pensa um jovem sobre a agricultura, o meio ambiente e a tecnologia? Será que uma visita à Agrishow pode mudar a percepção desse jovem sobre estes três temas pensados em conjunto?

A resposta é sim para as duas perguntas. Nos últimos 10 anos a ABAG/RP levou para a feira cerca de 1400 alunos e professores de escolas públicas da região de Ribeirão Preto. Eles tiveram a oportunidade de “entender” o que é tecnologia aplicada ao agronegócio. Invariavelmente a percepção, no final da visita, é de que pouco se sabia sobre o setor, seja econômica, social ou ambientalmente.

A visita dos alunos participantes do Programa Educacional “Agronegócio na Escola” de 2011 aconteceu no dia 5 de maio. Mais uma vez o imenso grupo chamou

atenção pelas ruas e estandes por onde passou. Mais do que isso a ABAG/RP queria era a atenção dos alunos e professores para a grandiosidade e importância do evento e do setor que eles estavam conhecendo.

A visita à Agrishow é o prêmio da primeira atividade do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”, o concurso de redação, que tem por objetivo detectar o grau de conhecimento dos novos participantes sobre o agronegócio. O tema da redação é sempre o mesmo: “Agricultura, Tecnologia e Meio Ambiente”.

A redação selecionada não é necessariamente daquele aluno que mais conhece, ou entende o assunto. Não é daquele que fala bem do agronegócio, ou que tem o melhor texto. Redações que trazem cunho preconceituoso, ou que apresentam uma ótica distorcida, também podem



ser escolhidas. Por isso o dia passado na Agrishow com os alunos é de muita conversa e disposição para mostrar a todos como a agricultura se beneficia da tecnologia, que por sua vez propicia a conservação dos recursos naturais.

Para os alunos há sempre descobertas. Júlio Vinícius da Costa, da Escola Municipal São Francisco, de Barretos, não esperava ver o que viu: “é tudo muito grande, máquinas e tratores do tamanho de uma árvore”, disse ele, mas a maior descoberta foi a possibilidade

de conciliar um sonho antigo com novas oportunidades. Júlio, que sempre sonhou em ser mecânico, percebeu que pode cuidar não apenas de carros e caminhões, mas também de tratores e máquinas agrícolas, uma demanda crescente na região. Maria Gabriela Anunciação, da Escola Técnica Agrícola de Colina, apesar de ter aulas de práticas agrícolas, veterinárias, comerciais e industriais se surpreendeu: “agora eu percebo o quanto eu tenho a aprender e fica mais claro a minha preferência

“Agronegócio na Escola” a região visitam a Agrishow

Fotos Paloma Mencarini



PRÓXIMAS ETAPAS

O desenvolvimento do Programa depende da capacitação dos professores, feita com palestras e visitas às empresas do agronegócio. De forma interdisciplinar, os educadores entendem o que significa o setor e vivenciam a conexão teoria/prática no dia-a-dia das empresas. O uso prático dos conteúdos da grade curricular facilitam o entendimento e o interesse pela matemática, química, biologia, geografia, história e português.

O assunto, depois da capacitação, passa a ser tema nas salas de aula nas diversas áreas do conhecimento. O Programa Educacional “Agronegócio na Escola” tem contribuído para que os jovens despertem para as oportunidades que a região oferece e a

importância da formação educacional.

Em 2011 os quase 13 mil alunos, integrantes do Programa, puderam participar do Concurso de Redação. O “Agronegócio na Escola” está sendo desenvolvido em 23 municípios da região de Ribeirão Preto, em 74 escolas envolvendo, além dos alunos de 8º e 9º anos, cerca de 160 professores de diversas áreas do conhecimento. As cidades participantes neste ano são: Barretos, Bebedouro, Brodowski, Cássia dos Coqueiros, Colina, Colômbia, Descalvado, Guapiaçu, Guaraci, Guariba, Ipuã, Jaboticabal, Jardinópolis, Monte Alto, Monte Azul Paulista, Restinga, Ribeirão Corrente, Ribeirão Preto, Rincão, Santa Cruz da Esperança, Sertãozinho, Severínia e Terra Roxa.

HISTÓRICO

O Programa Educacional “Agronegócio na Escola” continua seu trabalho de valorizar este que é o maior setor da economia brasileira. Iniciado em 2001, já beneficiou cerca de 115 mil estudantes da região de Ribeirão Preto. Até 2008 era realizado em parceria com a Secretaria Estadual da Educacional, para alunos do ensino médio. Desde 2009 passou a ser aplicado para alunos do ensino fundamental (8º e 9º anos), mediante parceria com as Secretarias Municipais de Educação.

pela agricultura na escola”, disse ela.

Para os professores é quase uma “reciclagem”. Cíntia de Souza Andrade, professora de biologia de Ribeirão Corrente, ficou espantada com a defasagem das informações dos materiais didáticos em relação à realidade do agronegócio. Segundo ela, o conteúdo não consegue acompanhar a velocidade de modernização do setor. O pior é a dificuldade em encontrar informações confiáveis sobre o assunto, seja nos jornais ou na internet: “Com o que vimos hoje aqui e a possibilidade de fazer parte do ‘Agronegócio na Escola’, tenho certeza que minhas aulas ficarão mais atualizadas e atrativas”, completou. Esta é a mesma opinião do professor de geografia de Jaboticabal, Jorge Luiz Borba Junior: “Os livros até tentam mostrar a modernização da agricultura, mas tudo acontece muito

rápido. Esta tecnologia que vimos apresenta uma nova realidade, a de que a agricultura é parceira do meio ambiente. Basta ver o quanto cresceu a produção de grãos em relação à utilização das terras”. Nair Boves, também professora em Jaboticabal, saiu da Feira com o intuito de mostrar aos seus alunos o quanto o setor tem de oportunidades para os jovens: “A tão falada mão-de-obra especializada que as empresas precisam pode estar em nossas escolas. É preciso que o aluno saiba disso para se motivar a estudar.”



Colina dos seringais, da laranja, da cana, da indústria e do cavalo

O prefeito de Colina, Valdemir Antônio Moralles, fala com orgulho do agronegócio, responsável por 80% do orçamento da cidade. “Aqui temos a cadeia completa,

diversificada. Agregamos valor aos nossos produtos, o que representa geração de renda e empregos para nossa população, além de serviços públicos de qualidade”.

Na agricultura a cana-de-açúcar, os seringais e os pomares de laranja formam a base da economia. São matérias primas das principais indústrias locais. Das três, a seringueira tem a história mais antiga na cidade. Colina foi berço da iniciativa do governo paulista de incentivar a produção de látex no Estado, em 1959. Hoje são quase 1.500 hectares em expansão. A falta de mudas impede o plantio de novas áreas. A indústria local produz o látex centrifugado e a borracha natural.

A laranja teve grande expansão no início dos anos 80, quando foi instalada uma fábrica de suco que continua em plena atuação, apesar da queda do consumo mundial. O setor citrícola brasileiro se organiza para elevar o consumo de suco de laranja no mundo.

A cana-de-açúcar, que chegou mais tarde, ocupa hoje a maior área agrícola e também é processada no município. Em 2003 a Usina São José, do Grupo Guarani, instalou ali sua fábrica de açúcar, e a partir do segundo semestre fabricará também o etanol. Serão pelo menos mais 400 empregos, segundo o prefeito.

Mas a diversidade do agronegócio é ainda maior em Colina. Na agrope-



cuária as frutas, as granjas e as gramas ocupam grande área. Dois importantes centros de armazenamento, sendo um da Coopertcitrus, fazem da cidade referência para toda região. Na industrialização existem frigoríficos e indústrias químicas, mas a Prefeitura quer mais. Um distrito industrial está sendo construído. A legislação permitiu a concessão de incentivos fiscais, para atrair novas empresas.

A administração pública tem sabido aproveitar as boas arrecadações oriundas desse diversificado agronegócio. A infra-estrutura da cidade está 100% em tratamento de água e esgoto; recolhimento e deposição de lixo, inclusive reciclável; iluminação pública e asfalto. Apenas na habitação houve uma pausa na construção de casas nos últimos 14 anos. Era preciso estruturar o crescimento para não apenas “inchar” a cidade, que ganhará em breve quase 500 unidades habitacionais, pelo CDHU e pelo Minha Casa, Minha Vida.

Na saúde, além de quatro unidades básicas; dois centros de especialidades, um médico e um odontológico; um centro de saúde e um pronto socorro atendem perfeitamente as necessidades locais; segundo a administração municipal.

A educação tem recebido atenção especial. De cinco unidades escolares

em 2001, passou para 12 em 2010. Foram contratados mais profissionais para a educação. Apesar de o número de estudantes atendidos pela rede ter aumentado, é menor o número de alunos por sala. O resultado foi um salto de 4,7 para 5,3 na nota do IDEB, maior que a média Estadual e Nacional. Os alunos podem frequentar aulas de artes em geral e equitação. A rede tem uma escola técnica agrícola municipal que funciona a partir do 5º ano. Um concorrido vestibulinho seleciona 70 alunos para estudar na ETAM, que ocupa 56 ha. No final do 9º ano um novo vestibulinho filtra 35 alunos para o ensino médio técnico. Ao término do curso os 8 melhores alunos têm bolsa de estudos garantida para estudar agronomia ou zootecnia.

Colina é conhecida como “Capital Nacional do Cavalo”. Além de criadores particulares, a Fazenda do Estado destina animais à Cavalaria 9 de Julho. A cidade é referência em hipismo e pólo, com equipes e jogadores conhecidos internacionalmente. A Festa do Cavalo, realizada sempre no mês de julho, atrai cerca de 50 mil pessoas em 5 dias, com competições de hipismo que atraem os melhores cavaleiros do país e shows que fazem a diversão do público.

Colina é a combinação perfeita do desenvolvimento econômico e social que o agronegócio proporciona.